



## Memórias, mídias e identidades étnicas.

### Etnografia

### e recepção televisiva

Maria Catarina Chitolina Zanini

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo problematizar alguns aspectos da recepção televisiva observadas em pesquisa etnográfica por mim realizada junto a descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul. Pretendo refletir, brevemente, sobre a relação que se pode estabelecer entre mídias, identidades étnicas e construção de memórias, e sobre o quanto tais dimensões da vida social podem criativamente dialogar entre si.

**Palavras-chave:** televisão - etnografia - identidades étnicas

**Abstract:** This article aims to discuss some situations from television broadcasts observed in the ethnographic research carried out with descendants of Italian immigrants in the central area of Rio Grande do Sul. I intend to contemplate briefly the relationship that can be established between medias, ethnic identities and the construction of memories and to what degree the dimensions of social life can creatively dialogue amongst themselves.

**Key words:** television - ethnography - ethnic identities

**Resumen:** Este artículo tiene por objetivo problematizar algunas situaciones de recepción televisiva observadas en investigación etnográfica realizada por mi junto a descendientes de inmigrantes italianos en la región central de Rio Grande do Sul. Pretendo reflexionar, brevemente, sobre la relación que se puede establecer entre mídias, identidades étnicas y la construcción de memorias, así como sobre cuanto tales dimensiones de la vida social pueden creativamente dialogar entre si.

**Palabras clave:** televisión - etnografía - identidades étnicas

---

Maria Catarina Chitolina Zanini é doutora em Antropologia Social pela UnB, com pós-doutorado no Museu Nacional e professora do Mestrado de Ciências Sociais da UFSM.

## Introdução

Como pensar a relação entre mídias e Antropologia? Tentarei refletir acerca dessa complexa relação, por meio de exemplo etnográfico, que me proporcionou um contato com uma situação em que conviviam mídias, identidades étnicas e construções de memórias. Minhas reflexões partem de experiência empírica, que se deu durante pesquisa etnográfica realizada entre descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul, especificamente nas cidades de Santa Maria e Silveira Martins. Minha pesquisa se desdobrou em várias etapas, começando no meio urbano de Santa Maria em 1997, e se espraiando para a zona rural de ambos os municípios.

Minha intenção, inicialmente, era estudar o fomento de um movimento étnico em Santa Maria, que ocorria por meio do agenciamento das entidades italianas e dos membros que nela trabalhavam. No decorrer da pesquisa, meus objetivos se ampliaram: quis compreender os processos de reivindicação de italianidade, fosse entre camponeses, camadas médias, empresários ou outros grupos sociais. Compreendo os descendentes de italianos por mim pesquisados como grupo étnico no sentido a este atribuído por Barth (2000), ou seja, como indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos como portadores de uma origem diferenciada no seio da sociedade nacional. Estes reivindicam para si um pertencimento “italiano”, baseado em suas ascendências. Seus antepassados foram protagonistas do processo migratório ocorrido em finais do século XIX, que trouxe para as Américas um grande contingente de italianos. A Itália havia se unificado há pouco, em 1870, e as condições econômicas, políticas e culturais daquele Estado Nacional facilitaram, e muito, a expulsão dos

desfavorecidos sociais, em especial de camponeses. Para a região central do Rio Grande do Sul, vieram especialmente italianos católicos do norte da Itália. A migração foi familiar, e o processo colonizador se deu na forma de colônias, divididas em pequenos lotes pertencentes a cada chefe de família. Algumas das pessoas por mim entrevistadas eram descendentes desses primeiros migrantes.

O que eu já havia observado, na relação entre mídias e o grupo que estava estudando, era o quanto as memórias escritas por intelectuais locais, por religiosos ou por famílias, influenciavam a construção das noções de pertencimento familiares e grupais. Tinham influência semelhante, os programas de rádio dirigidos aos descendentes. Observava que a memória da construção de pertencimento a mim narrada era devedora da discursividade apresentada em algumas obras impressas e na releitura dessas obras veiculadas por agentes culturais (étnicos) oficiais. Havia, assim, uma circularidade discursiva que remetia a fatos, nomes e acontecimentos relativos ao processo migratório e colonizador locais. Alguns eventos me eram narrados recorrentemente, como se a colonização local não pudesse deles se privar.

Em 1999, contudo, fui surpreendida pela exibição da novela *Terra Nostra*, no horário nobre das “oito”, pela Rede Globo de Televisão. Tal novela, que narrava a saga de imigrantes italianos para São Paulo, estava influenciando e, de certo modo, fomentando formas distintas daquelas anteriormente conhecidas de narrativa de pertencimento e de constituição da italianidade. As primeiras cenas, em especial, que mostravam a travessia transoceânica, impactaram grande parte dos descendentes com os quais eu convivia em minha pesquisa. Suas narrati-

vas se misturavam às cenas da novela, aos fatos e imagens nela apresentados. Enfim, refiz algumas entrevistas e comecei a me alertar para a amplitude de tal dinâmica interativa. Observei também que, se no início da novela o impacto positivo foi grande, no desenrolar da trama, as críticas e leituras elaboradas sobre os personagens e suas condutas faziam com que elaborassem fronteiras adscritivas entre aqueles italianos da novela e “os italianos daqui”, que seriam mais religiosos, mais trabalhadores, mais respeitosos dos valores familiares e do casamento. Enfim, estava dada uma linha divisória que, de certa forma, reforçava as convicções de que as noções valorativas locais eram melhores. Dito assim, poderia se afirmar que a novela reiterou as noções de pertencimento em nível local e permitiu que os indivíduos e suas famílias encontrassem um espaço para debater, criticar ou conversar sobre italianos, italianidade, família, sexualidade, casamento, filhos, comida, trabalho e religião. A novela proporcionou um aquecimento da italianidade ou, nas palavras de Orozco-Gómez (2002/03, p.6), agenciou aos sujeitos sociais a possibilidade de produção de sentidos. Essa produção de sentidos, compreendo, deve ser sempre bem-vinda, o que amplia a compreensão de que a recepção televisiva não exerce uma dominação ideológica imediata e sem respostas da parte dos receptores. Trata-se de um campo, composto por agentes, agenciadores e agenciados em constante dinâmica e circularidade.

Tratam-se de negociações e os estudos empíricos, de fato, podem mostrar a riqueza das dinâmicas interativas, sem determinismos e generalizações que duvidem da criatividade dos indivíduos em se posicionar frente às mensagens. Retornando a Orozco-Gómez (2002/03, p.6), não se trata de uma

reprodução, mas sim de uma produção. Penso que o papel do antropólogo nesse tipo de estudos seja o de tentar compreender as dinâmicas dessas produções de sentidos, seus agenciamentos e as relações de poderes e saberes nelas envolvidas.

### **A televisão, a novela e...**

Penso que a televisão, com suas complexidades diversas, desempenha um papel fundamental nas tramas culturais contemporâneas. De que forma? Não creio que haja resposta única ou simples para essa pergunta, mas sim que os diálogos interpretativos abertos por esse veículo de comunicação são fantásticos e reveladores da capacidade negociadora simbólica dos indivíduos e dos grupos pelos quais transitam. O poder desse meio de comunicação, que está baseado na sua capacidade de criar e legitimar saberes é igualmente impressionante. Assim, eu veria na televisão um instrumento de criação de diversos discursos que impregnam a vida das pessoas. E essas pessoas não são seres inertes, mas portadores de capacidades interpretativas dadas por seus instrumentos culturais e de socialização em constantes mudanças e trânsitos. Enfim, a possibilidade de se investigar como isso se dá nas práticas sociais é um campo inesgotável para antropólogos, penso eu.

Além disso, a televisão tem a capacidade de fazer com que mundos dialoguem.<sup>1</sup> Como ressaltado por Orozco-Gomez (2002/3), nenhum sujeito deixa de ser o que é quando interage comunicativamente, por mais que possa parecer que assim esteja acontecendo. Enfim, creio que a televisão é um veículo interativo não somente no sentido que de conforma sociabilidades específicas, mas também no sentido ressaltado por Kottak (1990). Para esse

<sup>1</sup> E, um dos elementos mais dinâmicos seria aquele de confrontar realidade vivida e mundo sonhado, como ressaltado por Ronsini (2001, p. 102).

autor, a televisão teria formado uma *teleconditiing*, ou seja, estabelecido uma determinada forma de ser/estar no mundo com a qual as sociedades contemporâneas já se habituaram, de modo que estaria mudando os hábitos comportamentais. É como se fosse “alguém” em casa, no trabalho etc. A voz, a imagem, a presença. Assim, a televisão deixa de ser um “objeto” para se transformar em um “ente” doméstico, com o qual as pessoas interagem, ao menos reflexivamente. Os espaços nos quais se assiste à televisão também deveriam ser estudados, penso eu. Etnografias em muito auxiliariam esse tipo de pesquisa.

Não se pode, contudo, deixar de considerar, conforme apontado por Canclini (200, p.50), que as pesquisas dos últimos anos têm confirmado que a televisão, assim como a imprensa e o rádio, tem contribuído para reproduzir mais do que para alterar a ordem social. Uma leitura política mais ampla dos meios de comunicação é necessária, mas essa leitura deve estar atenta à circulação dos saberes e poderes que a televisão favoreceria e ao porquê dela. Porém, em termos antropológicos, penso que, além desses mecanismos de poder exercidos pela televisão, deve-se procurar desvendar em que medida a televisão intensificaria as experiências dos receptores.<sup>2</sup> Reforçaria a posição de Lila Abu-Lughod, para quem a televisão pode ser entendida como um sistema de significado ou um “modo de vida”. Segundo ela, a televisão intensifica e multiplica encontros entre sensibilidades, idéias e modos de vida. Penso que nessa sua dinâmica resida também sua riqueza etnográfica. Perguntaria, então, como a televisão adentra na vida e no imaginário das pessoas e quais relações de poder aí se inserem e se cristalizam. Como se efetivam os diálogos entre mundos, entre holismos

<sup>2</sup> Utilizo esta expressão baseada em Canclini (2002, p.42) ao afirmar que: “Mais do que estabelecer novos lugares de pertencimento e de identificação de raízes, o importante para as mídias é oferecer certa intensidade de experiência”.

e individualismos, entre tradição e modernidade, entre rural e urbano, entre alteridades, entre gêneros, entre classes, entre sistemas culturais etc.?

Não se pode negligenciar o que já tem sido ressaltado por vários pensadores, isto é, o quanto a televisão, ao penetrar no domínio doméstico, por exemplo, é interpretada como um signo de modernidade, idéia que ela própria veicula, conforme ressaltado por Hamburger (2001), ao pesquisar *working class families* com relação às novelas. Da mesma forma, observou Ronsini (2001) ao pesquisar camponeses no interior do Rio Grande do Sul. Trata-se, portanto, de um campo no qual não se podem perder de vista os agentes e o que está sendo disputado nas trocas culturais por meio das mídias.

Entendo que o receptor pode ser interpretado também como um agente cultural que ressignifica o que é exposto pela televisão, reelabora e circula sentidos mediados por seu universo simbólico específico. A riqueza dessas dinâmicas é variada, como apresentado no estudo de Nilda Jacks sobre a indústria cultural e a cultura regional no Rio Grande do Sul. Segundo ela, a publicidade gaúcha teria influído ou, ao menos, participado do movimento de afirmação da identidade regional, por meio da “incorporação de valores culturais e regionais para vender produtos ou serviços de seus clientes” (2004, p.84). Em se falando de telenovela, não se pode minimizar a presença do mercado nas tramas e nem das disputas econômicas que interferem na produção “artística” das mesmas. Mas, para além disso, o que importaria, penso eu, é compreender a circularidade e produção dos sentidos em sua “fabricação”.<sup>3</sup> Segundo Lopes, a recepção não seria apenas uma etapa, “ponto definitivo de chegada”, mas sim reconstrutora de novos “lugares”,

**3** Compreendo que não se pode, contudo, esquecer a íntima relação que há entre televisão e mercado. Como bem ressaltado por Almeida (2000), o que a televisão vende, “de fato”, é sua audiência e a ela interessa atingir, preferencialmente, aquele espectador que pode consumir (p.2). Não se pode separar, neste campo de produção cultural, mercado e “arte”.

intercambiando significados (ibidem, p.15). Avalio que a televisão, como forma de expressão de saberes legitimamente constituídos, forma e conforma poderes. Esses saberes encadeiam-se significativamente, definindo relações de poderes que perpassam essas cadeias significativas.<sup>4</sup>

Mas, por que a novela agrada tanto? Suas narrativas, personagens e enredos possibilitariam, segundo Borelli, a construção de uma “competência textual narrativa” (2001, p.18), o que eu denominaria de uma capacidade reflexiva, que permitiria aos indivíduos pensarem a si mesmos enquanto seres sociais, coletivos e, também, subjetivos. Há toda uma produção científica que tem tentado mostrar a importância da novela no cenário brasileiro. A novela faz parte do *habitus* e dos gostos de grande parte da população nacional, cruzando classes sociais, gêneros, faixas etárias, grupos étnicos e culturais diversos. Há novelas para todos os gostos, poderia ser dito. Compartilho com Borelli (2001, p.3) a ideia de que a novela não é simplesmente entretenimento, mas um bem cultural. Segundo a autora, a telenovela brasileira atual seria um produto cultural advindo das especificidades da história da televisão e da cultura no Brasil (ibidem, p.10). Assim, penso que ela deva ser estudada nessa amplitude, já que ela faz parte do cotidiano das pessoas e atravessa classes, gêneros, gerações, grupos...

### ***Terra Nostra e a produção de sentidos***

Em minha pesquisa, observei que a novela possibilitou uma certa reflexividade acerca de aspectos presentes na vida daquelas pessoas, tais como: suas escolhas matrimoniais, seu comportamento sexual, suas famílias, religiosidade, trabalho, ascensão social, entre outros. Por meio da novela e seus

<sup>4</sup> Segundo Orozco-Gomez (2002/03), nenhum sujeito deixa de ser o que é quanto interatua comunicativamente, mesmo que, por vezes, o pareça.



capítulos, os descendentes de imigrantes italianos tanto podiam refazer suas construções acerca do passado como reconstruir suas próprias trajetórias individuais narrativamente. Compreendo que a novela possibilitou e permitiu esse momento dialógico. Bonin, ao realizar etnografia da recepção da novela *Suave Veneno* (exibida em 1999 pela Rede Globo de Televisão) entre camponeses, observou também que, pela novela, revisitavam-se e reelaboravam-se experiências dolorosas do passado (2003, p.9). Entendo que o grupo por mim estudado também fez esse exercício reflexivo, recontando e refazendo suas memórias acerca do passado. Em que medida a novela aqueceu memórias ou as criou é difícil dizer. Sendo as memórias construções sociais que atravessam as experiências individuais, pode-se perguntar, qual o papel dos mídias no agenciamento e enquadramento destas. Penso que as conexões estabelecidas entre essas instâncias é algo que merece estudos localizados, que visibilizem como os sujeitos sociais têm dialogado com essas dinâmicas culturais e suas mensagens. Embora não concorde de todo com Martín-Barbero em suas colocações acerca da relação entre memórias e mídias, enfatizo, como faz o autor, que não há memória sem conflito (2001, p.6)<sup>5</sup>.

5 Para Martín-Barbero: "...para cada memoria activada hay otras reprimidas, desactivadas, enmudecidas, por cada memoria legitimada hay montones de memorias excluidas" (2001, p.7)

A construção das memórias é sempre um processo de seleção que envolve muitos agenciadores e pressões (sociais e individuais). Trata-se de uma negociação entre possibilidades de construção de sentidos cruzadas por opções de gênero, de classe, de estilos de vida, étnicas e outras. Opções estas, socialmente dadas e possibilitadas. O poder das imagens apresentadas pela televisão, contudo, é algo impactante na construção das memórias, conforme observei em minha pesquisa. Os entrevistados mesclavam suas narrativas com as cenas da novela, o que

permitia a eles “terem muito o que dizer”. A novela efervesceu e invocou toda uma discursividade que repovoou as narrativas dos antepassados. O navio, o mar, o vento, as doenças, as crianças, o porto de saída, o de chegada. Enfim, cada detalhe apresentado nas imagens televisivas foi trabalhado com maior ênfase e riqueza narrativa. A mim também essas narrativas impactavam, pois elas vinham, por vezes, acompanhadas de lágrimas, de sentimentos difíceis de “investigar”. Se eu queria compreender o que era italianidade, posso dizer que a novela me revelou o quanto estava banhada de subjetividades e de sentimentos. Ou seja, a noção de pertencimento estava alicerçada em outras ligações extremamente importantes para os descendentes, como a família, por exemplo.

Para Sousa (2004, p.8), igualmente, a relação entre mídias e sociedade e entre emissor e receptor também é conflitiva. Isso nos coloca diante de um campo de estudos altamente político no que se refere às negociações de sentido e suas legitimidades, penso eu. Além disso, há que se pensar o quanto as identidades, segundo Lopes, afirmam-se e fortalecem-se na comunicação com o outro (2004, p.34). Acresceria a essa observação de Lopes, a dimensão da comunicação em massa, que ocorre em grande escala e perpassa grupos com clivagens distintas. Antropologicamente, tal dimensão somente me foi possibilitada de conhecer durante a pesquisa etnográfica. Realmente, o poder e riqueza de tais negociações são fantásticos, seja do ponto de vista simbólico mais amplo, seja do ponto de vista mais subjetivo. São redes de significados constantemente acionadas e tecidas.

O que é memória? Conceituo memória como a produção discursiva sobre o passado elaborada no

presente. Minha compreensão acerca desta está largamente apoiada em Halbwachs (1990), para quem a memória é elaborada partindo de diversos enquadramentos sociais. Ou seja, lembramos porque determinadas coisas assumem uma importância social para nós (e para os outros). Mas, por que as pessoas se lembrariam de coisas diferentes? É justamente essa interface entre a exterioridade das condições sociais e as subjetividades que permitem que as memórias possam ser consideradas individualmente. Os enquadramentos, no entanto, são produzidos socialmente pela socialização. Pode-se dizer que a novela *Terra Nostra* provocou um certo transbordamento da memória, em especial nas primeiras cenas, quando narrava a travessia transoceânica e seus dilemas: mortes, encontros amorosos, medos, saudades etc. Não encontrei um descendente, jovem ou idoso, que não se comovesse ou não tivesse algum comentário para fazer acerca daquelas cenas.

### **Considerações Finais**

Pretendo finalizar este artigo elencando algumas precauções metodológicas quanto ao uso da etnografia na recepção televisiva. Em primeiro lugar, se o que se pretende é compreender a produção, o diálogo e a circulação de sentidos, deve-se estar atento para o que a mensagem televisiva aciona não somente no momento da recepção, mas no cotidiano das pessoas, antes, durante e depois da novela. Acompanhei pessoas que mudavam suas rotinas para poder acompanhar a novela e que iam dormir pensando nas cenas televisivas. No dia seguinte, quando eu chegava para a entrevista, ainda estavam “digerindo” aquelas mensagens. O instante imediato da recepção também deveria ser atentamente etnografado, isto é, o tempo e o espaço em que se dá.

Quem são os receptores presentes, em que contexto social aquela mensagem é recebida, em que horário? No caso específico de minha pesquisa, observei, na segunda exibição da novela *Terra Nostra*, no horário da tarde, que a recepção foi outra. Embora não tenha pesquisado esse momento, observei que o impacto dessa exibição foi bem menor que o da primeira que ocorreu no horário da noite.

Uma boa etnografia pressupõe um exercício de familiarização com as categorias nativas e um trânsito entre pessoas, seus cotidianos e experiências. Ouvir, ver, estar, conviver é algo fundamental. Para isso, necessita-se de tempo de pesquisa e também de conhecimento prévio sobre o grupo. Explicar os objetivos de nossas pesquisas nem sempre é algo fácil, bem como não é fácil trabalhar analiticamente as informações coletadas em campo. Há cuidados éticos extremamente necessários a fim de preservarmos as pessoas que pesquisamos. Isso é importante porque a televisão, por vezes, invoca sentimentos complexos e narrativas específicas. Será que os entrevistados têm a real dimensão do que pesquisadores fazem com o que dizem? Essa é uma pergunta que sempre deve acompanhar o etnógrafo em campo.

O poder dos saberes e imagens transmitidos deve ser pesquisado, mas também as narrativas da recepção de tais mensagens. Como as mensagens são interpretadas e por quê? Homens, mulheres, crianças, jovens e idosos interpretam da mesma forma? Por que? Que noções de pertencimento (de classe, étnico, de gênero, geracional, entre outros) a televisão confronta? O que essas tensões revelam sobre as pessoas que pesquisamos? Para mim, a televisão permitiu conhecer muito melhor os descendentes com os quais convivía, pois a novela trabalhava com

#### Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila. The interpretation of culture(s) after television. 1997. Disponível em [www.haus.net/haus.o/script/txt2001/01/lughod.html](http://www.haus.net/haus.o/script/txt2001/01/lughod.html). Acesso em 17/08/2005.

\_\_\_\_\_. Melodrama egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno? *Cadernos Pagu*, Campinas, n.21: 75-102, 2003.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Na TV- pressupostos de gênero, classe e raça que estruturam a programação. *Paper* apresentado no I Simpósio Internacional *O desafio da Diferença*, Salvador, abril de 2000. Disponível em [www.desafio.ufba.br/gt4-008.html](http://www.desafio.ufba.br/gt4-008.html). Acesso em 07/08/2005

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero "muitas mais coisas"*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BONIN, Jiani. "Identidade étnica e telenovela". *Ciberlegenda* n.10, 2002. Disponível em: [www.uff.br/mestcii/jianni1.htm](http://www.uff.br/mestcii/jianni1.htm). Acesso em 26/07/2005
- \_\_\_\_\_. Memória familiar e recepção de telenovela, *Ciberlegenda*, n.12, 2003. Disponível em [www.uff.br/mestcii/jianni2.htm](http://www.uff.br/mestcii/jianni2.htm) Acesso em 07/08/2005
- BORELLI, Silvia Henela Simões. Telenovelas brasileiras. *Balanços e Perspectivas*, São Paulo em Prespectiva, São Paulo, v.15, n.3, jul-set 2001. Disponível em: [www.scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br). Acesso em 15/08/2005
- CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação". *Opinião Pública*, Campinas, vol VIII, n.1: 40-53, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. 4 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HAMBURGER, Ester et al. Telenovela, gender and demography in Brazil. Paper apresentado no S-31 Mass Media and Demographic Behavior, no XXIV General Population Conference, IUSSP, 2001. Disponível em [www.iussp.org/Brazil](http://www.iussp.org/Brazil). Acesso em 17/08/2005.
- HAMBURGER, Ester. TV brasileira hoje, *Revista USP*, São Paulo, n.61:110-115, 2004.
- JACKS, Nilda. Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional. UFRGS, 2004. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acesso em 17/08/2005.
- KOTTAK, Conrad Phillip. *Primi-time society*. An Anthropological analysis of television and culture. Belmont: Wodsworth Publishing Company, 1990.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Televisões, nações e narrativas, *Revista USP*, São Paulo: 30-39, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Medios: olvidos y desmemorias debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro, *Ciberlegenda* n.6, 2001. Disponível em: [www.uff.br/mestcii/barbero1.htm](http://www.uff.br/mestcii/barbero1.htm). Acesso em 08/08/2005.
- \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- OLIVEIRA, Dennis de e PAVAN, Maria Ângela. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela "Da cor do pecado". Paper apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2003. Disponível em [www.adevento.com.br/intercom](http://www.adevento.com.br/intercom). Acesso em 15/08/2005.
- OROZCO-GOMEZ, Guillermo. Los estudios de recepcion: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a muchos modos. *Revista InTexto*. Edição 09, 2003. Disponível em: [www.intexto/ppgcom/ufrgs](http://www.intexto/ppgcom/ufrgs). Acesso em 16/08/2005.
- RONSINI, Veneza Veloso Mayora. *Entre a capela e a caixa de abelhas (identidade cultural de gringos e gaúchos)*. São Paulo, 2000. Tese, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP.
- \_\_\_\_\_. Mulheres e melodrama: sonhos vicários e vida rural. IN: SILVEIRA, Ada Machado da. *Representações e identidades: três estudos em comunicação*. Santa Maria, FACOS-UFSM: 83-106, 2001.
- SOUSA, Maria Carmem Jacob de. Representação do popular e campo da telenovela: histórias e história de Benedito Ruy Barbosa. Paper do XXIV Encontro anual da ANPOCS. Petrópolis, 23 a 27 de outubro de 2000.
- SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção televisiva: mediações contextuais, *Revista USP*, São Paulo, n.61: 6-15, 2004.
- ZANINI, Maria Catarina C. Sangue, suor e lágrimas- narrativas da colonização italiana em Santa Maria". IN: QUEVEDO, Julio (Org). *Rio Grande do Sul- 4 séculos de história*, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1999. pp.259-264.
- \_\_\_\_\_. Lorenzoni: homem, migrante, letrado. *Estudos Íbero-Americanos*, Porto Alegre, v.XXX, n.1:123-138, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Italianidade no Brasil Meridional – a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Edufsm, 2006.